

## ESCRITA ÌYÁLODÈ

Yuri Macedo<sup>1</sup>

DOI 10.26512/revistacalundu.v4i2.29647

*ARA WA R`ÓMI WÀ  
ARA WA R`ÓMI WÀ  
YÈYÉ OSUN  
OMI OLOWO  
(Canta Gilberto Gil e Marisa Monte)*

O presente texto, com características de ensaio acadêmico, objetiva construir a noção de Escrita *Ìyálodè*, bem como o seu processo de produção, como ela acontece e por quem é produzida no Brasil. A escrita debruça-se e assume importância na explicitação dos poderes de atuação e negociação das mulheres negras no campo da ciência brasileira. Assim, é necessário compreender os vários sentidos que nos ajudam em sua significação, capacitando-o a afastar-se das esferas patriarcais e sexistas que produziram falhas na historiografia.

A palavra escrita, é o ato de expressão de ideias humanas por meio de sinais, e a palavra *Yalodê*, *Ìyálodè*, *ialodê* ou *Yalodé*, uma palavra de origem iorubana que tem como significado: aquela que lidera as mulheres na cidade e/ou a dona do grande poder feminino.

Mas, porque é necessário pensar nessa Escrita *Ìyálodè*? Essas escritas são parte de um movimento ancestral que tende a ser conduzido por mulheres, especialmente as mulheres negras dentro dos espaços acadêmicos e na ciência, que são silenciadas e violentadas antes, durante e após sua trajetória na produção de saberes e conhecimentos.

Historicamente, a ciência foi vista como uma atividade realizada somente por homens-brancos, e foi a partir do século XIX que a mulher começou a aparecer nesse cenário da comunidade científica mundial, saliento que esse espaço foi conquistado também por mulheres-brancas. É necessário ressaltar que, antes desse século marco, a participação feminina não era permitida nas intensas e calorosas discussões que aconteciam nas sociedades e academias científicas pelo mundo.

Caminhando junto à história da ciência sobre o cerceamento da mulher, outro fator é levado em conta no século XVI, o racismo, fenômeno da sociedade europeia que ao

---

<sup>1</sup> Universidade Federal do Sul da Bahia. Email: yurimacedo@id.uff.br

realizar suas invasões colonizadoras em diversos continentes, ao ver o outro, não refletia uma imagem conhecida. Por meio de estereótipos (pré)definidos, as sociedades não brancas e não cristãs estavam sujeitas a serem postas em questionamentos quanto às suas capacidades.

Saliento ainda, acerca da Igreja, principalmente a Católica até o século XVIII, que era a responsável por determinar quem era considerado humano ou não, tornando-se um dos maiores processos excludentes de toda a humanidade, que até hoje estão enraizados pelos processos racistas e intolerantes nas sociedades. Sob esse olhar da igreja, “pensava-se na humanidade como um gradiente – que iria do mais perfeito (mais próximo do Éden) ao menos perfeito (mediante a degeneração) –, sem supor, num primeiro momento, a noção única de evolução” (SCHWARCZ, 1993, p.48).

Mbembe (2018) nos diz que a soberania é a capacidade de definir quem importa e quem não importa, quem é “descartável” e quem não é. A partir de Mbembe, e pelos inúmeros silenciamentos que ocorreram nos processos escravagistas no Brasil, principalmente daqueles que foram trazidos de África, se faz necessário trazer à tona todo o conhecimento da “mulher-negra-não cristã”, enraizado de ancestralidade.

Sobre trazer à tona, as religiões afro-brasileiras como o Candomblé, Umbanda, Catimbó, Jurema, Macumba, Tambor de Mina, Xangô, Jarê, Quimbanda, entre outras, evidenciam que a mulher exerceu e exerce um papel importantíssimo e fundamental para manutenção dessas religiões, pois, representam a força e importância do matriarcado africano e afro-brasileiro, que nasce no contexto religioso, e que dele perpassa para o movimento de resistência sociocultural dos “ex-escravizados”<sup>2</sup>.

Silva Simoni (2019), nos apresenta e afirma que, “se tratando de mulheres negras e de religião, as perseguições são maiores, já que elas agregam os elementos motivadores desta postura”. Evidenciamos que a religiosidade é também uma forma de conservar a identidade, principalmente em um contexto de opressão, e as mulheres negras são um exemplo desta afirmação.

A Escrita *Ìyálodè*, assim como a Pedagogia da Ancestralidade, descrita por Kiusam de Oliveira em (2008),

A Pedagogia da Ancestralidade, no campo da educação, se opõe à hegemonia epistemológica eurocentrada, propondo uma forma de ser-pesquisar-conhecer-pensar-juntar-articular-agir que reconheça o

---

<sup>2</sup> “Utilizaremos a palavra ex-escravizado, ao invés de escravo, mais uma vez por acreditar na força política das palavras” (Passos, 2019)

continente africano como o Berço da Humanidade; nessa relação, a Europa, os europeus e suas produções intelectuais são recentes e, desta forma, talvez seja por tal consciência que a luta tem sido feroz daqueles que detém a hegemonia epistemológica, para impor formas de pensamentos. (OLIVEIRA, 2018, p.80)

A Escrita *Ìyálodè*, vai por esse caminho da Pedagogia da Ancestralidade, caminho esse que leva o empoderamento da mulher negra, por meio de transgressões, é repensar que seus corpos podem estar em qualquer lugar por meio dos seus pensamentos, escritos e oralidade. Por meio do reconhecimento, as mulheres, a partir da pergunta: “quem sou eu?”, voltam na necessidade de entender a estrutura psíquica da pessoa que vive seu corpo negro e apresenta rupturas ou suturas no convívio em sociedade.

Assim como Oliveira (2008) nos apresentou a Pedagogia da Ancestralidade, a Escrita *Ìyálodè*, é Corporeidade, Imaginário, Subjetividade, Oralidade, Identidades, Memória, Processos Educativos e Ancestralidade. E ao pensar onde se dá esse tipo de escrita, podemos imaginar inúmeros espaços onde a mulher se encontra, como: favelas, universidades, escolas, construções, ruas, em todo lugar.

Ao caminhar para essa escrita, pensa-se nos espaços onde essas mulheres negras passaram por experiências de exclusão devido ao racismo existente no Brasil, e mediante sua história e trajetória, escrevem por meio da sua energia vital (o *asè*<sup>3</sup>), para que as pessoas que leiam ou vivencie suas escritas lutem contra o racismo e, principalmente, contra o Epistemicídio<sup>4</sup> dos saberes africanos e afro-brasileiros. Ou seja, a Escrita *Ìyálodè* significa expressão de ideias da mulher negra que emana liderança e poder nas práticas escritas, orais e vividas.

Por fim, é necessário saber onde a Escrita *Ìyálodè*, se faz presente, e temos por exemplo as seguintes mulheres brasileiras negras: Nilma Lino Gomes, Sonia Guimarães, Kiusam de Oliveira, Sueli Carneiro, Anita Canavarro, Katemari Rosa, Conceição Evaristo, Petronilha Beatriz, Carolina de Jesus, Escolástica da Conceição de Nazaré, Marielle Franco, Pamella Passos, Patrícia Rufino, entre outras...

Oní Sàà wúre (Senhor do Tempo (Existência))  
Sàà wúr àse (Rogamos bênçãos e axé)

---

<sup>3</sup> Força vital que promove o dinamismo do ser humano. É uma energia que existe nos seres e precisa ser mobilizada e veiculada pelas relações, isto é, dada e retribuída. SÁLAMI e RIBEIRO (2011)

<sup>4</sup> Carneiro, S. (2005) define: “pela negação aos negros da condição de sujeitos de conhecimento, por meio da desvalorização, negação ou ocultamento das contribuições do Continente Africano e da diáspora africana ao patrimônio cultural da humanidade; pela imposição do embranquecimento cultural e pela produção do fracasso e evasão escolar”.

Oní Sàà wúre o bé rí o mó (Senhor do Tempo assim novamente)  
Oní Sàà wúre (Senhor do Tempo)  
Sàà wúr àse Bàbá (Rogamos bênçãos ao Pai)  
Oní Sàà wúre o bé rí o mó (Senhor do Tempo assim novamente).

## Referências

CARNEIRO, Aparecida Sueli. *A construção do outro como não ser como fundamento do ser*. Tese (doutorado) em Educação. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2005.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. São Paulo: n-1 edições, 2018.

OLIVEIRA, Kiusam Regina de. *Candomblé de Ketu e educação: estratégias para o empoderamento da mulher negra*. 2008. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2008.

PASSOS, Ana Helena Ithamar. *Um estudo sobre branquitude no contexto de reconfiguração das relações raciais no Brasil, 2003-2013*. 1.ed. Porto Seguro: Editora Oyá, 2019, 180 p.

SÀLÁMÌ, Sikiru (King); RIBEIRO, Ronilda Iyakemi. *Exu e a Ordem do Universo*. São Paulo: Editora Oduduwa, 2011.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. *O espetáculo das raças*. SP, Companhia das Letras, 2004.

SILVA SIMONI, Rosinalda Côrrea da. *Ancestralidade Feminina: da Essência do Sagrado aos Movimentos Feministas, Mulheres Negras e Representatividade*. Fragmentos de Cultura (Goiânia), v. 29, p. 293-300, 2019.

Recebido em: 18/02/2020

Aceito em: 22/04/2020